

NARRATIVA ORAL E PRODUÇÃO DE FANTOCHES: UMA ALTERNATIVA LÚDICO-PEDAGÓGICA PARA A ALFABETIZAÇÃO INICIAL

Ruben de Oliveira Nascimento¹

Camila Turati Pessoa²

RESUMO: Com base na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica de Vigotski de que a criança é um sujeito ativo e interativo no processo de apreensão da leitura e da escrita, e que a linguagem mostra o desejo de expressão da criança nesse processo, apresentamos, nesse trabalho, um projeto de extensão, aprovado pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e realizado em 2009 com professoras alfabetizadoras da rede municipal de ensino de Uberlândia, cujo objetivo foi o de contribuir com a formação de professores alfabetizadores e com o processo de alfabetização inicial, propondo o uso associado de narrativas orais com produção de fantoches pelas próprias crianças autoras das mesmas, como parte do aprendizado da leitura e da escrita. A metodologia compreendeu uma parte teórica composta por oficina, onde foi trabalhado tanto o referencial teórico quanto a técnica proposta, e uma parte prática realizada nas salas de aula com as crianças. Os resultados mostraram maior participação, interação e motivação das crianças para com o processo de aprendizado da leitura e da escrita, com ganhos diretos em termos de criatividade, comunicação e expressão de ideias e uso de vocabulário próprio nesse processo.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização inicial. Comunicação e expressão. Fantoche. Narrativa oral. Psicologia sócio-histórica.

Puppet production and oral narrative: a playful-pedagogical alternative to early literacy

ABSTRACT: Basing on the theoretical perspective of Social-Historic Psychology, by Vigotski, that the child is an active and interactive individual in the apprehension process of reading and writing and that the language shows the desire for expression of the child in such process, we present in this paper an extension project, approved by the Federal University of Uberlândia (UFU) and developed in 2009 with literacy teachers of the municipal teaching network of Uberlândia, which purpose was to contribute on the literacy teacher's formation and the early literacy's process, proposing the use of oral narratives associated with the production of puppets by the children authors of the narratives, as part of the reading and writing process of learning. The methodology undertook a theoretical part through a workshop, where it was treated both the theoretical reference and the technique proposed, and a practical part developed in the classrooms with the children. The results showed a greater participation, interaction and motivation of the children for the reading and writing learning process, with direct achievements in terms of creativity, communication and expression of ideas and use of their own vocabulary in such process.

¹ Mestre em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, professor assistente do Instituto de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (rubenufu@gmail.com).

² Acadêmica do curso de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia (camilatpessoa@gmail.com).

KEYWORDS: Early literacy. Communication and expression. Puppet. Oral narrative. Social-historic psychology.

INTRODUÇÃO

Com base na perspectiva da Psicologia Sócio-Histórica de Lev Vigotski de que a criança é um sujeito social ativo e interativo no processo de apreensão da leitura e da escrita, e que a linguagem mostra o desejo de expressão da criança nesse processo, desenvolvemos um projeto de extensão, visando contribuir com a formação de professores alfabetizadores e com o processo de alfabetização inicial, propondo o uso associado de narrativas orais com produção de fantoches pelas próprias crianças autoras das mesmas, como parte do aprendizado da leitura e da escrita.

Nesse trabalho, apresentamos a proposta e seus resultados, com a intenção de socializar a ideia e incentivar tanto uma discussão que melhore sua estruturação quanto seu uso por um número maior de professores alfabetizadores.

O projeto de extensão intitulou-se “Narrativa oral e produção de fantoches: uma alternativa lúdico-pedagógica para a alfabetização inicial”, e foi aprovado pela Pró-reitoria de Extensão, Cultura e Assuntos Estudantis, da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), tendo sido realizada de abril a novembro de 2009, como um projeto aprovado pelo Programa de Extensão e Integração UFU - Comunidade (PEIC).

O projeto teve como proposta básica constituir um espaço de formação ou aprendizado de professores alfabetizadores, reunindo contribuições da teoria de Vigotski aplicáveis ao processo de alfabetização, associando-as à produção de narrativa oral e de fantoches pelas crianças, auxiliando alfabetizadores em suas reflexões sobre a apropriação da escrita e uso da linguagem, concebendo a criança como participante ativa no processo.

Produzindo fantoches como parte da construção de narrativas na alfabetização inicial, a criança desenvolve sua imaginação e sua criatividade, desdobra potenciais cognitivos, afetivos e sociais, e utiliza a linguagem como importante elemento pedagógico, cuja expressividade permite lançar bases que contribuirão com o processo de aprendizado da leitura e da escrita, com o mérito de permitir à criança ver-se como coautora dos conteúdos desse processo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A educação tem importante papel na formação do indivíduo, preparando-o para a vida social e cultural. Formando indivíduos criativos, expressivos e ativos, a educação contribui para uma sociedade melhor e mais crítica. Segundo Paulo Freire (2007, p. 61), “nenhuma ação educativa pode prescindir de uma reflexão sobre o homem e de uma análise sobre suas condições culturais. Não há educação fora das sociedades humanas e não há homens

isolados”. De acordo com Vigotski (2007, p. 103), o indivíduo é produto e produtor de sua cultura, e nesse processo internaliza valores e conteúdos socioculturalmente compartilhados entre os indivíduos, contribuindo com isso para a formação de sua personalidade e para a assimilação de conhecimentos. Para o autor, “o aprendizado é um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas culturalmente organizadas e especificamente humanas”. Vigotski (2001, 2007), considera que o bom aprendizado é aquele que se adianta ao desenvolvimento do educando e traz a este desdobramentos potenciais significativos, sob supervisão ou orientação do professor ou colaboração de outros colegas.

Com referência à importância da aprendizagem no contexto escolar, Vigotski (2007) defende que é o aprendizado do novo que impulsiona o desenvolvimento da criança, e este pode ser conseguido partindo-se do que a criança já conhece ou sabe realizar sozinha, promovendo-se, então, situações de aprendizagem em cooperação com outras crianças ou com o professor ao adquirir novo conhecimento, de modo que potenciais de desenvolvimento sejam despertados pela aprendizagem e pelo domínio de novas competências, decorrentes desse movimento. Nesse sentido, a alfabetização deve propiciar ao educando um aprendizado com base em formas de expressão que a criança possa manifestar criativamente, em associação com a formalidade do processo de alfabetização, permitindo, com isso, a construção de conhecimento sobre a leitura e a escrita, vistas como forma de expressão e não somente como um aspecto técnico a ser dominado pela mesma. Para permitir a expressão da criança nesse processo, deve ser levado em conta, também, sua capacidade de abstração sobre os conteúdos trabalhados e de compartilhamento do conhecimento via interação com os pares. Uma maneira de realizar essa proposta é aliando o aspecto lúdico ao pedagógico no processo de alfabetização inicial.

Uma possibilidade lúdico-pedagógica nesse sentido é conceber a criança como parceira do processo de alfabetização em nível de proposição de conteúdos para leitura e escrita (a criança como autora construindo os textos e propondo as palavras para serem aproveitadas no processo formal de alfabetização), nos quais a linguagem falada seja incorporada na linguagem escrita (convencional), utilizando-se a narrativa e o fantoche como uma de suas formas de expressão e realização metodológica. Mello (2006, p. 184) frisa que a criança é ativa no processo de aprendizagem quando “é sujeito do processo de conhecimento e não um elemento passivo que recebe pronto o conteúdo do ensino”.

Segundo Vigotski (2007), a aprendizagem da riqueza simbólica socialmente compartilhada (linguagem) começa antes de a criança aprender a técnica da escrita e da leitura na escola, porque ela já vem se comunicando e se expressando de muitas maneiras em direção a objetos e com outras pessoas, e que representam vivências que geram necessidades de expressão. Essa necessidade pode ser utilizada como um suporte ao processo formal de alfabetização da leitura e da escrita (MELLO, 2007b). Para tanto, é preciso conceber a criança como sujeito ativo em seu processo de alfabetização.

Numa perspectiva vigotskiana, uma criança é ativa em seu processo de alfabetização quando dele participa perguntando, comunicando-se, aplicando sua imaginação, criatividade e motivação para aprender, tendo no professor e nos colegas interlocutores que a auxiliem nessa disposição ou ação, e que a ajudem a promover aprendizado no domínio da escrita e da leitura como formas próprias de expressão sobre diversas questões de seu entorno social (MELLO, 2006a).

Entendemos que na alfabetização inicial as premissas acima são fundamentais, na medida em que aprender a ler e escrever passa a ser visto como formas de expressão muito importantes para o desenvolvimento dos indivíduos em seu contato com uma sociedade letrada ou com o mundo simbólico que sua cultura expressa, desenvolvendo ativamente, desde cedo, uma visão nova a respeito. Daí, a importância de uma alfabetização que se realize para um educando ativo, criativo e capaz de se expressar de muitas maneiras nas atividades de leitura e de escrita e suas percepções da realidade, fazendo, com isso, pulsar o conhecimento cotidiano face ao conhecimento elaborado no contexto escolar. Isso implica permitir variadas expressões intelectuais e afetivas da criança como veículo para o processo de alfabetização.

Nesse sentido, Mello (2006b, p. 189) afirma que,

se queremos que nossas crianças leiam e escrevam bem e se tornem verdadeiras leitoras e produtoras de texto – o que, de fato, é uma meta importantíssima do nosso trabalho como professores – é necessário que trabalhem profundamente o desejo e o exercício da expressão por meio de diferentes linguagens: a expressão oral por meio de relatos, poemas e música, o desenho, a pintura, a colagem, o faz-de-conta, o teatro de fantoches, a construção com retalhos de madeira, com caixas de papelão, a modelagem com papel, massa de modelar, argila, enfim, que as crianças experimentem os materiais disponíveis que a escola e a educadora têm como responsabilidade ampliar e diversificar sempre. Essa necessidade de expressão – é sempre importante lembrar – surge a partir do que as crianças vêem, ouvem, vivem, descobrem e aprendem.

Entendemos que a associação de narrativa oral e produção de fantoches enquadram-se nos benefícios acima mencionados, tendo ainda a particularidade de envolver habilidades correlatas como imaginação, criatividade, psicomotricidade, cooperação e abstração da realidade, servindo muito bem como veículo de expressão e desenvolvimento do pensamento da criança frente ao universo convencional da leitura e da escrita. Desse modo, associar narrativa oral e produção de fantoches pelas próprias crianças, autoras das mesmas (tendo o conteúdo das narrativas utilidades pedagógicas no processo de alfabetização), torna-se um recurso importante no desenvolvimento da expressão da criança frente à leitura e à escrita, conferindo ao educando uma figura de sujeito ativo e criativo no seu processo de aprendizado.

E essa associação entre narrativa oral e produção de fantoches no processo de alfabetização inicial mostra-se como uma alternativa lúdico-pedagógica pela dimensão de brinquedo que ela contém, e se mostra igualmente rica para o processo pedagógico.

Em nosso projeto, o fantoche (associado à história construída pela própria criança) mostra-se como um brinquedo potencialmente útil no desenvolvimento do pensamento abstrato e de habilidades físicas, intelectuais e psicológicas requeridas pela leitura e pela escrita. O brincar, para Vigotski, assume importância psicológica porque insere a criança no universo simbólico das situações reais que lhe cercam. A brincadeira é um meio psicológico cuja realização interfere na Zona de Desenvolvimento Próximo da criança. É uma atividade com um propósito no qual a criança lida com situações cotidianas, elabora sentimentos, usa a imaginação que contribui para o desenvolvimento

do pensamento abstrato, emprega a memória, exercita a imitação que a faz avançar em ações e comportamentos para além de sua idade, pensa sobre as circunstâncias que vivencia e observa, e desenvolve pensamentos sobre o mundo e sobre si mesma (OLIVEIRA, 2003; VIGOTSKI, 2007).

Pedagógica e psicologicamente, o fantoche torna-se um vetor de expressão da narrativa da criança (um personagem), ou de sua história, auxiliando também na interação em sala de aula. Em colaboração com o professor ou outros colegas, a criança poderá, ainda, produzir histórias sobre algum aspecto sociocultural que vivencia, ou sobre algum tema estudado na escola. Desse modo, a criança participa ativamente de seu processo de alfabetização inicial, utilizando a linguagem como veículo de expressão de pensamentos, percepções e compreensões da realidade ou de um conteúdo escolar e emprega o fantoche como um vetor dessa criação e como um brinquedo associado à linguagem, ao texto produzido.

Em nível de processo pedagógico e de formação de professores, a proposta da produção de fantoches associada ao espaço da narrativa tem como objetivo geral apresentar um recurso didático que pode ser usado em sala de aula para auxiliar no processo de aprendizagem e no desenvolvimento global de crianças na alfabetização inicial. A proposta também visa contribuir com uma visão de Educação que valorize a expressividade da criança como um recurso potencial próprio aplicável ao processo de alfabetização, concebendo-a como sujeito ativo.

Mas, para tanto, é necessário uma boa formação do professor alfabetizador nas premissas teóricas da psicologia sócio-histórica (aqui apontadas como base referencial do projeto), associadas à sua experiência prática em sala de aula, como alfabetizador.

MATERIAL

Para o exercício de confecção dos fantoches podem ser utilizados materiais como: meias coloridas, cola quente, lãs de cores variadas, botões, folha de E.V.A, alguns retalhos de tecidos, miçangas coloridas, tesouras, agulhas e linhas de costura.

Contudo, esses materiais podem ser dos mais variados, utilizando outros recursos que estiverem mais disponíveis na escola ou na casa do aluno, como por exemplo, materiais recicláveis, plásticos, espumas etc.

METODOLOGIA

O projeto envolveu quatro professoras alfabetizadoras de escolas municipais de Uberlândia, atuando com alfabetização inicial. Cada professora era responsável por pelo menos uma classe de alfabetização na escola pública em que lecionava. A faixa etária dos estudantes era de 6 a 7 anos, e o número de alunos em cada sala de aula era de 30 a 40. Assim sendo, o projeto de extensão teve como público direto 4 professoras e como público indireto cerca de 160 crianças no período de

alfabetização inicial, já que o objetivo final do projeto era o processo de alfabetização desses alunos.

O projeto de extensão compreendeu uma etapa teórica e outra prática. A etapa teórica foi composta por uma oficina com 10 horas/aula de duração, com reuniões semanais sobre a teoria sócio-histórica que embasa a proposta do projeto e sobre a utilização do recurso da narrativa oral e do fantoche para fins educacionais em alfabetização inicial. Nessa parte, também foram proporcionadas reflexões e discussões sobre a prática docente, enfatizando tanto a experiência do professor quanto o papel do aluno em sala de aula como produto e produtor de cultura, e a importância da interação em sala de aula no processo de alfabetização inicial.

A etapa prática foi dividida em dois momentos: um com 4 horas/aula e outro com 26 horas/aula de duração. O primeiro momento teve como meta oportunizar um ensaio com as professoras do que seria a aplicação prática da técnica de associação da narrativa oral com produção de fantoches, como abordado na etapa teórica. Assim, o objetivo foi fazer com que as professoras alfabetizadoras participantes do curso fizessem, elas mesmas, o exercício de produzir suas narrativas, bem como os fantoches (ensaiando o que seus alunos fariam), para melhor conhecerem a técnica, e para que pudessem conversar a respeito da mesma, discutindo possíveis alternativas para enriquecer ou melhorar essa proposta para seu efetivo uso em sala de aula, considerando as crianças para as quais ensinam e a experiência docente de cada uma. O segundo momento da etapa prática referiu-se à aplicação propriamente dita da técnica sugerida com os alunos nas salas de aula das professoras que participaram do projeto, já no formato ajustado por elas para uso em suas realidades de ensino, junto ao perfil de seus alunos.

As professoras foram incentivadas a adequar a proposta de acordo com o perfil de seus alunos, sua metodologia de ensino e suas habilidades docentes, de modo que a técnica utilizada pudesse ser por elas reavaliada e empregada da melhor maneira para a realidade de cada sala de aula.

Ao final, nos reunimos novamente para discutirmos os resultados obtidos e trocarmos impressões sobre as possibilidades concretas dessa proposta.

RESULTADOS

As professoras que participaram do projeto relataram que a proposta é de fácil promoção (envolveu um material barato de fácil aquisição), sua aplicação é relativamente simples, e que sua técnica, na prática, mostrou as reais possibilidades pedagógicas de se trabalhar com textos produzidos pelas próprias crianças, cujos conteúdos puderam ser eficientemente utilizados no processo formal de aprendizado da leitura e da escrita, fazendo com que os alunos trabalhassem com palavras e enredos de leitura que eles mesmos sugeriram ou criaram, e que acabavam reconhecendo como deles no processo de alfabetização, propiciando maior interesse e envolvimento em sala de aula.

Na produção dos fantoches, os alunos mostraram mais motivação e interação na classe. Alunos tímidos e reservados passaram a participar mais das atividades de ensino-aprendizagem e a se comunicarem mais com os colegas, sendo o fantoche um vetor psicológico importante nesse sentido. A comunicação

mais intensa também trouxe mais benefícios para o processo de aprendizado da leitura e da escrita.

Da parte do docente, outro resultado importante foi que algumas professoras utilizaram pela primeira vez, em sua prática, textos produzidos pelos próprios alunos, no lugar daqueles já prontos em livros publicados para esse fim, resultando em uma maior disposição das professoras no uso da narrativa oral e confiança na participação ativa da criança em seu processo de alfabetização.

DISCUSSÃO

Queremos destacar que, na realização do projeto, as professoras participantes foram estimuladas a colocarem suas experiências e necessidades conforme o enfoque e os objetivos da proposta, tendo liberdade para adaptarem ou ajustarem a técnica às suas realidades e seu trabalho de alfabetização. Para exemplificar o que destacamos, apresentamos o relato e os resultados de uma professora participante do curso, que atua numa escola municipal de Uberlândia.

De início, propusemos que as professoras incentivassem as crianças a criarem uma narrativa oral. A professora seria a “escriba” dessas narrativas com o intuito de registrar o conteúdo e conferir-lhe um formato de texto aproveitável no processo de alfabetização em curso. Os alunos seriam convidados a produzir seus fantoches com base no conteúdo trazido por eles em suas narrativas (os personagens). Num segundo momento do processo, os alunos apresentariam para os colegas suas histórias com os fantoches na mão, sendo esses fantoches a representação ou o intérprete da narrativa de cada um, servindo como caminho de socialização dos contos para a turma, de modo que esse processo permitisse, coletivamente, troca de impressões sobre os conteúdos. Essa foi nossa sugestão inicial de realização prática do projeto, ou sua técnica.

Porém, a professora referida elaborou para seus alunos uma modificação dessa proposta inicial e a aplicou em sua sala de aula. Sua alteração foi da seguinte ordem: primeiramente, pediu que as crianças criassem coletivamente uma narrativa em que cada um iria à frente da sala e diria uma parte do desenvolvimento da mesma, já trabalhando assim a construção da narrativa. A intenção da professora foi trabalhar, nesse momento, que as crianças aprendessem a respeitar a vez de cada uma falar – já que, no cotidiano das aulas, havia alunos com muita vontade de falar na vez do outro. Seu propósito com essa adaptação ou modificação foi de reunir, em uma só narrativa, um conteúdo ou um enredo que partiu da colaboração de todos, como uma produção coletiva. O que para nós se daria após a construção individual das narrativas, essa professora sugeriu que ocorresse logo de início, configurando, assim, todo o restante do processo. Entendemos que a proposta de modificação ou adaptação da professora avançou em relação à nossa em termos de produção coletiva da narrativa, conferindo um aprimoramento importante em termos teóricos e práticos do que inicialmente havíamos proposto. Uma abertura para esse nível de participação do professor no projeto foi intencionalmente garantida desde o início.

Essa professora relatou que as crianças se identificaram com o que estava sendo trabalhado, porque se viram como autoras. Elas podiam fazer comentários sobre as partes da história em desenvolvimento. Segundo a professora, a atividade foi muito interessante e estimulante, os

alunos se mostraram bastante motivados, facilitando seu trabalho e a interação na sala de aula.

Nessa experiência relatada, surgiu a história intitulada “O Sapo e a Sapa”, na qual a professora aproveitou palavras da experiência em algumas atividades, tais como: montar frases com palavras da narrativa, completar palavras, ligar conteúdos semelhantes, dentre outros. Ao final dessas atividades, a professora montou uma apostila contendo a produção de cada um, além de desenhos sobre a história, e entregou para os estudantes. Por meio dessa apostila, a professora também pode trabalhar o desenho da narrativa no processo de alfabetização, estimulando, assim, a imaginação e a coordenação, dentre outros aspectos correlatos.

A professora ofereceu material aos alunos e eles construíram cada um o fantoche de seu “sapo” e sua “sapa”, completando, dessa maneira, a proposta de representar a narrativa oral com um brinquedo pedagogicamente orientado, como por nós sugerido.

O material produzido pelos alunos dessa professora, ao final do projeto, foi mostrado para as demais professoras participantes do curso de extensão, que também apresentaram e discutiram seus resultados.

Escolhemos apresentar com mais detalhes a experiência realizada por uma professora, entendendo que essa experiência ilustra bem tanto o projeto de extensão quanto os outros resultados obtidos.

As discussões demonstraram que, partindo-se da experiência do professor, de suas necessidades e de sua forma de trabalhar em sala de aula, uma relação da teoria e da prática pode ser mais ampla e mais próxima dos seus desafios. Esse tipo de abordagem pode trazer resultados mais significativos para a formação continuada de professores alfabetizadores.

Os resultados mostraram também que é muito produtivo, pedagógica e psicologicamente, aproveitar a narrativa do aluno e a produção de fantoches como um suporte direto ao processo de alfabetização, enfatizando a criança como autora.

CONCLUSÃO

A alfabetização inicial tem papel importante no desenvolvimento da expressividade da criança, porque junto ao domínio da leitura e da escrita, o desdobramento de fatores psicológicos, afetivos e de interação social pode ser promovido. O alfabetizador, por sua vez, consciente das possibilidades da expressividade intelectual e afetiva da criança para narrar e produzir histórias sobre a realidade que percebe ou que imagina, pode criar um espaço simbólico importante para o desenvolvimento integral da criança frente às condições de produção da escrita e da leitura, preparando bases para o restante do processo de alfabetização e aprendizagem escolar, que terá sequência nos anos posteriores.

Segundo Vigotski (2007), a leitura e a escrita são processos formais e convencionais, que devem continuar um processo anterior de uso da linguagem como expressividade da criança diante do mundo e das relações humanas exercidas pelo uso dessa linguagem como mediação. Se a expressividade anterior ao aprendizado formal dos códigos linguísticos for estimulada e

resgatada de maneira lúdico-pedagógica na apropriação da escrita, ganhos diretos podem ser obtidos não apenas em termos de domínio técnico necessário, mas também no desenvolvimento psicológico e pedagógico da criança para agir sobre a realidade histórica e cultural que vivencia, de uma maneira mais reflexiva e crítica. A proposta que apresentamos contribui nesse sentido.

No caso da produção do fantoche, tem-se o ganho de associá-lo a uma forma de brinquedo conforme a perspectiva que Vigotski tem do mesmo. Em suma, é um brinquedo pedagogicamente orientado à expressividade e às formas de linguagem da criança, e que contribui para o seu desenvolvimento integral frente aos desafios do processo de aprendizado da leitura e da escrita e suas formalidades. Além disso, o fantoche construído e empregado conforme sugerimos favorece uma relação mais dinâmica da criança com a história, e também com o professor e com seus colegas (que devem ser vistos como interlocutores e não meramente uma plateia passiva).

Assim, constituir na escola espaços de narrativas criadas pelas crianças, com produção de fantoches, viabiliza ou potencializa uma linguagem que está partindo delas, e que pode ser suporte direto (vocabulário) ao processo de alfabetização, fortalece um aprendizado da leitura e da escrita muito mais expressivo. Essa metodologia também auxilia na interação entre professor e os colegas, concebendo a criança como ativa e interativa em sua aprendizagem.

Entendemos que a Escola, como espaço de linguagem e de narrativas, pode se apropriar do simbólico, da representação, do lúdico, para enfatizar processos de aprendizagem que contribuam diretamente como o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social dos educandos em fase de alfabetização inicial. Nossa proposta de extensão e de formação de professores alfabetizadores se apoia nessas premissas, e considera que conceber a criança como autora nesse processo é permitir uma expressividade que ela já vem constituindo em suas relações sociais e interpessoais como um elemento central da apropriação e elaboração da leitura e da escrita. Essa expressividade facilita o tratamento de significados e a produção de sentido em textos trabalhados no processo de alfabetização em que a criança se reconhece como autora.

O projeto que propomos guarda, em sua metodologia simples, abertura para o professor alfabetizador investir mais em textos produzidos pelas próprias crianças, reconhecendo que histórias espontaneamente elaboradas, relatando questões cotidianas ou conteúdos simbólicos diversos, podem ser utilizadas no processo formal de alfabetização, com muitos benefícios psicológicos, pedagógicos e de formação social do educando. Além disso, o projeto propõe a percepção do espaço da sala de aula como local de comunicação, expressão de ideias e sentimentos, de interação e de constituição do lúdico a favor da mediação pedagógica. No caso da alfabetização inicial, essas questões nos parecem muito importantes.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 30 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

MELLO, Suely Amaral. Contribuições de Vigotski para a educação infantil. In: MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela. (Orgs). **Vigotski e a escola atual: fundamentos**

teóricos e implicações pedagógicas. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006a, p. 193-202.

MELLO, Suely Amaral. A apropriação da escrita como um instrumento cultural complexo. In:

MENDONÇA, Sueli Guadalupe de Lima; MILLER, Stela. (orgs). **Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas**. Araraquara: Junqueira & Marin, 2006b, p. 181-192.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. 4. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Submetido em 30 de junho de 2010

Aprovado em 13 de setembro de 2010